

instituto de arte contemporânea

- D'ÁVILA, José Silveira (1924)**
34 Conjunto de garrafas em vidro (3)
0,560; 0,660 e 0,440
- 1966 **MARQUES DE SÁ, Douglas (1929)**
35 Festival de Operetas
Óleo/tela — 0,885 x 1,440
MAGALHÃES, Roberto (1940)
36 Édipo decifra o enigma da esfinge
Xilogravura — 0,345 x 0,650
- 1967 **GERCHMAN, Rubens (1942)**
37 Díptico
Vinil, colagens/duratex — 1,600 x 1,240
CASTRO, Amilcar de (1920)
38 Escultura
Escultura em ferro — 0,780 x 1,240
- 1968 **FERREIRA, Manuel Francisco Pereira (1935)**
39 Gestação (Série Gênese)
Vinil/tela — 1,295 x 1,495
SAMICO, Gilvan José Meira Lins (1928)
40 Gravura (A Luta dos Anjos)
Xilogravura — 0,550 x 0,330
- 1969 **MAIA, Antônio (1928)**
41 Sua Bondade será Eterna
Vinil/tela — 0,890 x 1,160
BOLONHA, Francisco
42 Projeto Edifício sede CETEL
Maquete
- 1970 **COLLARES, Raimundo (1944)**
43 Trajetória em Progressão Geométrica
Esmalte sintético/compensado —
1,600 x 1,600
FARNESE de Andrade Neto (1926)
44 Censura
Bico de pena — 1,020 x 0,715

instituto de arte contemporânea

DIRETORA

Maria Elisa Carrazzoni

EQUIPE TÉCNICA

CONSERVADORES

Ecylla Castanheira Brandão
Maria de Lourdes Parreiras Horta
Sergio Guimarães de Lima

MUSEÓLOGOS

Ana Maria Jordão
Marco Paulo Alvim

ARQUITETA

Leda Marinho Estelita

DESENHISTAS

Miguel Pinto Loureiro
Octavio Kleber B. de Bezerra

FOTÓGRAFO

Raul Lima

EQUIPE AUXILIAR

Antônio Fernandes
Eduardo Carlson
Jorge Suzart
José Grippi
Luzia Gomes da Silva
Noemy Pinheiro de Miranda

SERVIÇOS AUXILIARES

Alceu da Silva Pereira - Chefe
Alberto Rodrigues Cabral
Antonio Almoinha
Jayme Borges Coelho
Manoel Olgo da Silva
Joaquim Duarte
Antonio Martins Reis
Antonio Salgado de Oliveira
Valci Correia
Waldemir Batista da Costa
Waldemir Malta

- 1953 **PEREIRA, Fernando Clóvis (1917)**
10 Favela
Óleo/tela — 0,916 x 0,753
RODRIGUES, Augusto (1913)
11 Duas Figuras
Nanquim sobre papel — 0,920 x 0,670
- 1954 **REBOLO GONZALEZ, Francisco (1903)**
12 Paisagem
Óleo/tela — 0,379 x 0,550
CASTELO BRANCO, Sansão (1920-1956)
13 Placas de Estamparia
0,380 x 0,310 — 0,345 x 0,340 —
0,260 x 0,240
- 1955 **MARTINS Pereira, Ramiro (1912)**
14 Natureza Morta
Óleo/tela — 1,050 x 1,506
EBLING de Oliveira, Sonia (1926)
15 Mulher e Pássaro
Escultura em gesso — 0,740 x 1,850
- 1956 **SALDANHA, Firmino Fernandes (1906)**
16 Composição
Óleo/tela — 1,462 x 0,971
MEDEIROS, Anísio Araújo de (1922)
17 Brinquedos
Lápis/Papel — 0,485 x 0,655
- 1957 **SERPA, Ivan Ferreira (1923)**
18 Pintura
Óleo/tela — 1,030 x 1,020
DAREL Valença Lins (1924)
19 Um Ciclista
Litografia — 0,585 x 0,430
- 1958 **QUAGLIA, João Garboggini (1928)**
20 Figuras
Óleo/Duratex — 1,220 x 0,580
WEISSMANN, Franz Josef (1914)
21 Torre
Escultura em ferro — 1,380 x 0,530

- 1959 **BENJAMIM Silva (1927)**
22 Pôrto
Óleo/tela — 0,725 x 1,161
MARTINS, Aldemir (1922)
23 Flautista
Nanquim/Papel — 1,020 x 0,730
- 1960 **CARVÃO, Aluísio Rodrigues (1918)**
24 Cromático
Óleo/tela — 0,731 x 1,160
PEDROSO D'HORTA, Arnaldo (1914)
25 Pássaro
Nanquim/Madeirite — 0,490 x 0,490
- 1961 **BAVA, Ubi (1915)**
26 Catedral Fabulosa
Óleo/tela — 1,080 x 0,970
- 1962 **VALENTIM, Rubem (1922)**
27 Composição
Óleo/tela — 0,990 x 0,695
ANA LETÍCIA Quadros (1929)
28 Gravura n.º 1
Ponta-sêca e água-tinta — 0,475 x 0,660
- 1963 **LOIO PÉRSIO (1927)**
29 Composição
Óleo/tela — 1,945 x 1,760
ZALUAR, Abelardo (1924)
30 Desenho n.º 3
Crayon/papel — 0,700 x 0,700
- 1964 **IANELLI, Arcangelo (1922)**
31 Ocre
Óleo/tela — 1,350 x 1,600
RIBEIRO, Fernando Jackson (1928)
32 Escultura em ferro (peças soldadas)
1,650 x 1,200
- 1965 **MATTOS, Waldyr Joaquim de (1916)**
33 Barcos (Caju)
Óleo/tela — 1,150 x 1,460

dos nossos dias, expressando-se numa linguagem contemporânea, mas fugindo à filiação direta das tendências internacionais, vindas da Europa ou dos Estados Unidos.

Por último, há a exceção do prêmio de escultura dado em 1969 ao arquiteto Francisco Bolonha, pelo seu projeto para o edifício-sede da CETEL.

Como comentário final, pareceu-me oportuno ponderar que os Salões Oficiais perderam, nas últimas décadas, a importância que desfrutavam no século XIX, no tempo do Império e depois, no período republicano, até 1930. Foram substituídos, em importância artística, pelas exposições organizadas pela Bienal de São Paulo, pelos Museus de Arte Moderna do Rio e da capital paulista, assim como pelo Museu de Arte de São Paulo. E também pelas exposições apresentadas pelas melhores galerias dessas duas principais cidades brasileiras.

Disso resulta que o interesse maior dos Salões Nacionais reside hoje na disputa em torno dos prêmios de viagem ao estrangeiro. Essa é a justificação maior dessa mostra, oportunamente organizada pelo Museu Nacional de Belas Artes.

Cabe ao público ver e fazer as suas considerações sobre o acerto ou o erro das láureas conferidas, devendo ter em vista que todos os julgamentos são sempre discutíveis, mesmo os mais felizes, até porque o gosto muda, em nossos dias, com maior velocidade do que no passado, pela sucessão contínua das modas importadas do estrangeiro.

Antonio Bento

**SALÃO NACIONAL DE BELAS ARTES
(DIVISÃO MODERNA)**

PRÊMIOS DE VIAGEM AO ESTRANGEIRO

- | | |
|------|--|
| 1944 | DACOSTA, Milton (1915) |
| 1 | Composição
Óleo/tela — 0,868 x 0,801 |
| 1945 | CESCHIATTI, Alfredo (1918) |
| 2 | Criação do Homem
Baixo-relêvo/gesso — 1,850 x 2,000 |
| 1947 | CAMARGO, Iberê (1914) |
| 3 | Lapa
Óleo/tela — 0,900 x 1,280 |
| 1948 | GRACIANO, Clóvis (1907) |
| 4 | Auto-retrato em 2 tempos
Óleo/madeira — 0,550 x 0,455 |
| 1949 | MORAIS, José Machado (1921) |
| 5 | Retrato de Orígenes Lessa
Óleo/tela — 0,732 x 0,607 |
| 1950 | ABRAMO, Lívio (1903) |
| 6 | Ilustração para o livro "Pelo Sertão"
Xilogravura — 0,185 x 0,235 |
| 1951 | NUNES, Zélia |
| 7 | Marcha
Granito reconstituído — 1,840 x 0,900 |

**SALÃO NACIONAL DE ARTE MODERNA
PRÊMIOS DE VIAGEM AO ESTRANGEIRO**

- | | |
|------|---|
| 1952 | INIMÁ José de Paula (1918) |
| 8 | Hospício da Praia Vermelha
Óleo/tela — 0,600 x 0,728 |
| | GRASSMANN, Marcelo (1925) |
| 9 | Noturno
Xilogravura — 0,670 x 0,530 |

Em 1950, Livio Abramo, já nessa época um mestre da gravura brasileira, conquistou o prêmio com uma xilo feita para ilustração do livro "Pelo Sertão".

Em 1952, os primeiros artistas que conquistaram prêmios, no recém-criado Salão Nacional de Arte Moderna, foram o pintor Inimá, com o "Hospício da Praia Vermelha" e Marcelo Grassmann, com o "Noturno". Essa obra já prenunciava as suas gravuras de tipo fantástico, tanto expressionistas como surrealistas, que deram merecida fama à sua produção posterior. Depois de um curto período dedicado à abstração, Inimá voltou à paisagem, gênero em que é hoje um dos nossos pintores de prestígio, dedicando-se ainda com sucesso ao retrato e à natureza-morta.

Em 1953, os prêmios couberam ao pintor Fernando Pereira, com um quadro representando uma favela e ao desenhista Augusto Rodrigues, artista de incontestável talento nesse domínio, e o criador da Escolinha de Arte do Brasil.

Os prêmios de 1955 foram outorgados ao pintor Ramiro Martins, com uma natureza-morta, e à escultora Sonia Ebling, com "Mulher e pássaro". Mais tarde, radicada na França, Ebling tornou-se abstrata e os seus relevos coloridos têm boa qualidade estética. No ano seguinte, o arquiteto Firmino Saldanha conquistou o prêmio de pintura com uma composição abstrata, cabendo o de desenho a Anísio Medeiros.

Já em 1957, os laureados seriam o pintor Ivan Serpa e o gravador Darel. Serpa foi um dos primeiros concretistas brasileiros e é um artista de vanguarda, pesquisando continuamente e procurando sempre se renovar, tendo inclusive feito abstrações informais, seguidas de uma fase figurativa expressionista e outra de caráter erótico, para voltar novamente à pintura geométrica. Darel tirou o prêmio com um "Ciclista", mas depois fez cidades e agora dedica-se também à pintura, figurando máquinas fantásticas, de natureza surrealista.

Em 1958, Quaglia conquistou o prêmio de pintura com o quadro "Figuras". É um dos nossos mais vigorosos expressionistas. O escultor laureado foi o construtivista e também concretista Franz Weissmann, com uma "Tôrre". É um dos artistas que pesam no pequeno grupo dos nossos escultores de vanguarda, juntamente com Amílcar de Castro, que conquistou o prêmio em 1967 e encontra-se ainda nos Estados Unidos, onde tem exposto, seguindo a tendência concretista.

Em 1959, Benjamim Silva obteve o prêmio de pintura e Aldemir Martins o de desenho, com o "Flautista". Esse foi o único brasileiro nato a conquistar o

1.º prêmio internacional de desenho na Bienal de Veneza. A sua produção segue uma temática nacional, baseada principalmente em motivos nordestinos, tratados numa linguagem internacional. Outros desenhistas de mérito, premiados, respectivamente, em 1960, 1963 e 1970, foram Arnaldo Pedroso d'Horta, Abelardo Zaluar, êste com intensa atividade no domínio da caligrafia racionista nos últimos anos, e Farnese de Andrade Neto, cuja produção de caráter erótico é dotada de grande requinte e apresenta uma textura extraordinariamente bem trabalhada. Também faz caixas essencialmente poéticas, na base do **objet-trouvé**.

O pintor Arcangelo Ianelli e o escultor Fernando Jackson Ribeiro foram os vencedores do Salão de 1964. O primeiro é um dos nossos pintores abstratos de maior categoria, tanto na composição como no cromatismo, enquanto o segundo faz esculturas com peças soldadas, retiradas dos depósitos de sucata e ordenadas cuidadosamente, às vêzes com intenções figurativas.

Entre os jovens de vanguarda, deve ser citado o gravador Roberto Magalhães, premiado em 1966 com a xilogravura "Édipo decifra o enigma da esfinge". Voltou-se para um tema mitológico, desprezado nas primeiras décadas do movimento modernista e hoje abordado, já sem qualquer preconceito, pelos jovens mais avançados. O outro é o artista de tendência pop, Rubem Gerchmann, com um "Díptico", retirado de um painel, feito em tórno de motivos publicitários, comuns ao mercado da sociedade de consumo.

A tendência "brasileira", nos prêmios destas últimas décadas, está representada pelo pintor Rubem Valentim, laureado em 1962, juntamente com Ana Letycia, uma das nossas gravadoras de maior talento, também premiada na Bienal de Paris. A sua obra tem prosseguido numa evolução muito feliz nos últimos anos, inclusive em sua visualidade de caráter op. Ainda no domínio da op-arte, merece referência especial a obra recente de Ubi Bava, premiado como pintor, em 1961, com a tela a "Catedral Fabulosa".

Voltando a Rubem Valentim, creio que êle é o nosso pintor geométrico de maior categoria, pois faz uma arte de alta qualidade erudita, baseada nos símbolos e signos do candomblé baiano. Também Gilvan Samico e Antonio Maia, premiados em 1968 e 1969, produzem uma arte de temática brasileira. O primeiro faz uma transposição artística, de grande sedução estilística, dos assuntos tratados pelos gravadores populares da literatura de cordel do Nordeste. Já Antonio Maia inspira-se nas figuras dos ex-votos nordestinos, trazendo êsses três últimos nomes citados uma contribuição inestimável à arte e à cultura brasileiras

PRÊMIOS DE VIAGEM NO SALÃO MODERNO

É da maior utilidade, tanto para a crítica como para o público, o exame desta exposição, destinada a mostrar os artistas modernos que conquistaram prêmios de viagem ao estrangeiro nos Salões oficiais, a partir de 1944. Nesse ano ainda estava o Salão dividido em duas seções, a acadêmica e a moderna. Aliás, somente a partir de 1931 (após as mudanças conseqüentes à revolução de 1930) os modernos começaram a ter acesso ao Salão Oficial, o que não acontecia na década de 20, na qual o movimento de vanguarda se afirmou rumorosamente, em São Paulo. Apesar disso, os modernos só apresentavam seus trabalhos em exposições individuais, durante este primeiro período de sua atuação no País. Os Salões oficiais de então os repeliam com hostilidade, não considerando a sua produção como obra de arte e sim como mistificação, loucura ou pura farsa de atelier.

Essa situação mudou em 1931, quando Lúcio Costa e alguns artistas modernos foram encarregados de reformular o Salão Oficial.

Em 1932, devido ao movimento revolucionário em São Paulo, o Salão não foi realizado. Em conseqüência desse fato, o Salão de 1934 concedeu dois prêmios de pintura. Coube então a Orlando Teruz conquistar, como artista filiado aos modernos, o 1.º prêmio destinado aos pintores que não pertenciam à tendência acadêmica. Como a luta continuasse, em 1940 o Salão bipartiu-se, havendo uma Divisão Moderna e outra Acadêmica. Essa anomalia perdurou até 1951, quando, através da Lei n.º 1.212, foram criados o Salão Nacional de Arte Moderna e o Salão Nacional de Belas Artes.

Esta exposição engloba os artistas modernos que conquistaram prêmios de viagem ao estrangeiro, a partir de 1944. Começa a relação com Milton Dacosta, artista de grande mérito, hoje um dos maiores pintores brasileiros, sobretudo nas suas fases figurativas. Os seus quadros geométricos pós-cubistas e também expressionistas são uns e outros dos mais representativos da nossa pintura atual. Ainda no campo dessa arte, Iberê Camargo é outro mestre brasileiro de sua geração, tanto na fase figurativa como na abstrata. A sua tela aqui apresentada é típica de suas paisagens anteriores ao seu período ligado à abstração.

Depois vêm Clóvis Graciano e José Morais com retratos, muito ligados às suas obras, respectivamente, de 1948 e 1949, quando foram premiados.

instituto de arte

A idéia de fazer uma retrospectiva de prêmios oficiais surgiu numa reunião da Comissão Nacional de Belas Artes, há dois meses. Foi o crítico de arte Jayme Mauricio que a lançou numa consulta à Diretora do Museu Nacional de Belas Artes, que acolheu com entusiasmo a possibilidade de oferecer ao público uma visão conjunta das obras de arte premiadas na Divisão Moderna do Salão de Belas Artes e no Salão de Arte Moderna.

O aspecto crítico foi apresentado por Antonio Bento, também dos críticos de arte que militam na imprensa carioca, um dos mais brilhantes.

Sob o aspecto museográfico, que abrange a técnica de apresentação com tôdas as implicações inerentes, tais como o espaço, a iluminação, a mensagem, a cronologia, etc., a equipe técnica enfrentou os problemas que surgem normalmente na montagem de uma exposição que inclui pintura, escultura, gravura e desenho. A maior dificuldade é o quadro arquitetural neoclássico que deve ser respeitado e no qual às vêzes é difícil inserir obras de arte de tendências diversas e dimensões variadas. A Direção espera poder corrigir aos poucos as deficiências que são encontradas, principalmente no que tange à iluminação.

O importante é que o Museu está vivo, atuante, em permanente contato com os artistas e os críticos de arte, procurando desempenhar o papel que se espera do museu de arte oficial mais importante do País.

Maria Elisa Carrazzoni

1971

**ARTE MODERNA
NOS SALÕES OFICIAIS**

instituto de arte contemporânea

m 0182

**mn
ba**

junho - 1971

1971

Catálogo:

Arte Moderna Nos Salões Oficiais -
Prêmios de Viagem

Data:

1971

Local:

Rio de Janeiro

Autor:

Maria Elisa Carrazzoni

NOTAS:

Ivan Serpa : Prêmio em 1957
n^o 18 - óleo sobre tela: 1,030 x 1,020